



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

PT INF PATRICIO ANDRÉS SCARZELLA (REP ARG)

**CONDUÇÃO TÁTICA DAS OPERAÇÕES MILITARES ARGENTINAS NA
GUERRA DAS MALVINAS (1982):
O COMANDO DO OFICIAL DO EXÉRCITO ARGENTINO EM COMBATE,
SUAS CARACTERÍSTICAS E AS CONSEQUÊNCIAS NA TROPA.**

**Rio de Janeiro
2019**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

PT INF PATRICIO ANDRÉS SCARZELLA (REP ARG)

**CONDUÇÃO TÁTICA DAS OPERAÇÕES MILITARES ARGENTINAS NA
GUERRA DAS MALVINAS (1982):
O COMANDO DO OFICIAL DO EXÉRCITO ARGENTINO EM COMBATE,
SUAS CARACTERÍSTICAS E AS CONSEQUÊNCIAS NA TROPA.**

Trabalho acadêmico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares com ênfase na área do Quadro do Oficial.

**Rio de Janeiro
2019**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEX - DESMIL
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **PT INF PATRÍCIO ANDRÉS SCARZELLA (REP ARG)**

Título: **CONDUÇÃO TÁTICA DAS OPERAÇÕES MILITARES ARGENTINAS NA GUERRA DAS MALVINAS (1982): O COMANDO DO OFICIAL DO EXÉRCITO ARGENTINO EM COMBATE, SUAS CARACTERÍSTICAS E AS CONSEQUÊNCIAS NA TROPA.**

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase na área do Quadro do Oficial, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ *CONCEITO:*

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
JOBEL SANSEVERINO JÚNIOR- Maj Cmt Curso e Presidente da Comissão	
EDVALDO NUNES NASCIMENTO JÚNIOR- Maj 1º Membro	
GEDILSON SILVA DA SILVA-Cap 2º Membro e Orientador	

PATRÍCIO ANDRÉS SCARZELLA – PT

Aluno

**CONDUÇÃO TÁTICA DAS OPERAÇÕES MILITARES ARGENTINAS NA GUERRA
DAS MALVINAS (1982):
O COMANDO DO OFICIAL DO EXÉRCITO ARGENTINO EM COMBATE, SUAS
CARACTERÍSTICAS E AS CONSEQUÊNCIAS NA TROPA**

Patricio Andrés Scarzella¹
Gedilson Silva da Silva²

Resumo

O conhecimento da própria força, é um dos aspectos mais importantes para aquelas forças militares que procurem obter a vitória no campo de combate. Esse conhecimento abrange a distinção entre as fortalezas e fraquezas, acertos e erros, aspectos positivos e negativos.

Ao longo destas décadas, e desde os dias posteriores à finalização do conflito, o desempenho argentino na guerra das Malvinas tem sido estudado desde diferentes aproximações, tanto técnicas, históricas, táticas, e até ideológicas.

O relatório "Rattenbach" determinou responsabilidades nos distintos níveis, assim como também diferenciou as unidades que se destacaram pela sobre saliente condução que tiveram durante a guerra.

No obstante o análise ter sido realizado, ele não pesquisou as causas que permitiram, favoreceram e fizeram possível aquela condução.

Este trabalho de pesquisa, tenta contribuir a esclarecer aquelas causas.

Palavras chaves: Conduta tática, Decisão, Comando em Combate, Influencia Na Tropa.

Abstract

The knowledge of self strength is one of the most important aspects for those military forces aiming to obtain victory in the battlefield. Said knowledge entails distinguishing between strengths and weaknesses, achievements and failures, positive and negative aspects.

Throughout these decades, and since the days that followed the resolution of the conflict, the performance of the Argentine armed forces in "Malvinas" war has been approached from different perspectives, such as technical, historical, tactical and even ideological.

The "Rattenbach" report determined liabilities at different levels and it was able to distinguish those "military" units that stood out for having had such an outstanding leadership during the war.

Despite having carried out said analysis, the causes that allowed, favored and made this leadership possible were not investigated.

Therefore, this research work seeks to help clarify these causes.

Keywords: tactical leadership, Decision, leadership, Influence on the troop.

¹ Capitão da Arma de Infantaria. Licenciado em Conducción y Gestión Operativa pela Universidad de la Defensa em 2012.

² Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2005. Mestre em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (AMAN) em 2010

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade os grandes pensadores da guerra conferiram uma grande importância tanto ao conhecimento próprio, quanto ao do inimigo.

Foi assim que Sun Tzu disse: *“conheça o seu inimigo e conheça a si mesmo; em cem batalhas, você nunca estará em perigo”* (Tzu, 1973, pág. 117).

Este trabalho tenta cumprir humildemente com o segundo conselho do estrategista chinês: conhecer se a si mesmo.

Dentro do grande espectro de possibilidades que um teria para contribuir com este esforço, procurou-se eleger um que na hierarquização de importância dos esforços, continuasse na linha de pensamento de Sun Tzu: a qualidade da condução dos comandantes, independentemente do nível da condução que eles tiverem.

Para facilitar e delimitar a pesquisa, e também para que esta seja feita sobre dados de relativa atualidade, foi eleito nosso último conflito armado internacional, a Guerra das Malvinas (*“Guerra de las Malvinas”* em espanhol e *“Falklands War”* em inglês), que aconteceu entre o dia 2 de Abril e o 14 de Junho de 1982, entre a República Argentina e o Reino Unido de Grã Bretanha, pela posse do território das ilhas do Atlântico Sul

1.1 PROBLEMA

Quase 40 anos se passaram desde o final do conflito do Atlântico Sul, um dos últimos conflitos armados convencionais, e o que exigiu aos britânicos, a conformação da maior frota naval após a Segunda Guerra Mundial.

Quarenta anos que permitiram não só fazer uma análise menos apaixonada dos acontecimentos históricos, mas também ter um grande fluxo de informações, ser capaz de reconstruir fatos e combates, e ter detalhes de grande importância para este trabalho de pesquisa, como podem ser dados técnicos, armamentísticos, registro de planos, ordens, detalhe de baixas em combate, etc. Sem estes dados, seria difícil abordar nosso estudo.

Mas não apenas estas quatro décadas deram origem a documentos de grande valor científico e historiográfico.

Desde outras áreas, intimamente ligadas a certas posições ideológicas,

políticas e por muitas razões de ordem econômica, certos elementos de poder têm se esforçado para implantar na opinião pública nacional e internacional, através de um trabalho meticuloso próprio de operações de informação, através de ações nas mídias sociais, nos cenários cinematográfico, político e até judicial, uma visão totalmente diferente dos fatos.

Dentro dessa temática um dos temas que com insistência foi abordado, foi a qualidade da condução das ações táticas pelos oficiais durante a guerra. Nesse sentido, embora os oficiais do exército argentino fossem os mais afetados, a campanha de descrédito não foi limitada a eles.

Embora o ideal fosse realizar uma ampla pesquisa sem delimitação nenhuma que excluísse algum setor das nossas forças armadas, a natural necessidade de delimitar o estudo, vai nos obrigar estudar somente a condução dos oficiais do exército argentino.

Neste ponto, devemos nos perguntar: Qual foi o desempenho real dos oficiais argentinos em combate? Que características teve sua condução? Qual foi o desempenho deles? Foi o esperado? Até que ponto as acusações que foram feitas por certas correntes ideológicas, estão correlacionados com a realidade dos fatos? Qual é a razão pela qual essas acusações se opõem às opiniões expressas pelos próprios oficiais ingleses? Que impacto teve o estilo de condução dos oficiais argentinos sobre as tropas? Isso afetou o desempenho da tropa positiva ou negativamente?

1.2 OBJETIVOS

Este estudo pretende determinar as características da condução tática dos oficiais do exército argentino que tiveram sucesso em combate e sua incidência na tropa.

Para viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

- a) Comparação da doutrina de condução do Exército Argentino, com a condução em combate realizada pelos oficiais do exército das forças armadas da Argentina.
- b) Determinação dos elementos que influenciaram as características da

condução em combate, dos oficiais do exercito argentino.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A distorcida apreciação da realidade, apresenta um problema de considerável seriedade, uma vez que tal distorção impede saber a verdade dos fatos, impossibilitando fazer uma análise de rigor científico com relação aos problemas levantados acima. Este fato, impõe a necessidade de fazer uma aproximação e abordagem do assunto, a partir de uma perspectiva de pesquisa científica.

A condução tática das operações militares não é menos importante. Sua qualidade e características, não só terão influências determinantes no cumprimento das missões impostas pelo escalão superior, mas também terão um impacto direto sobre os elementos dependentes e, em última instância, sobre o combatente.

A revisão do estilo, qualidade e características da condução tática dos oficiais argentinos em combate, não só ajuda a explicar os eventos que ocorreram na guerra das Malvinas, mas também a avaliar e corrigir possíveis falhas nele.

As conclusões relacionadas ao presente projeto de pesquisa, contribuem para a melhoria dos planos de formação do corpo de oficiais, capitalizando as lições aprendidas em combate, relacionadas à condução durante o mesmo.

2 METODOLOGIA

Para cumprir com os objetivos propostos neste artigo, a população escolhida foram os oficiais das forças armadas argentinas, e a mostra, os oficiais do Exército Argentino da arma de infantaria.

O método de abordagem da pesquisa foi o fenomenológico.

O tipo de pesquisa quanto à forma de abordagem foi qualitativa e se baseou numa ampla pesquisa bibliográfica. Quanto ao objetivo geral foi explicativa, tentando abordar as consequências das características da condução dos oficiais

argentinos na tropa.

As fontes utilizadas foram principalmente livros, mas também foram utilizados relatórios oficiais, e memórias dos combatentes.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Antes de começar o desenvolvimento desta pesquisa, é importante deter-se para fixar algumas definições que vão nos permitir ter uma mesma visão do significado terminológico dos termos implicados, o que finalmente, também vai nos permitir compreender a intenção final deste trabalho.

Podemos então nos perguntar o que significado tem o termo “condução” dentro do contexto deste trabalho.

O Exército Argentino em o seu regulamento “Manual del ejercicio del mando”, define a condução como “a aplicação do comando á solução dum problema militar” (Argentino, 1990, pág. II).

É importante sublinhar o conceito eminentemente prático da condução.

É a aplicação, o que quer dizer que é a materialização da etapa final dentro da formação dum militar. Para poder aplicar, é necessário ter sido instruído, treinado e adestrado. Conduzir implica a capacidade de sair da teoria, dos conhecimentos abstratos, para se adentrar num campo onde a preparação previa é determinante.

Mas, ¿o que é o comando?... O mesmo manual diz: “é o exercício da autoridade e responsabilidades legais sobre uma organização militar. É uma função do grau e posição que é prescrito, regulamentado e limitado por leis e regulamentos militares” (Argentino, 1990, pág. II)

Este desenvolvimento do conceito de comando, é de vital importância, já que nos permite ver e entender que quando falamos de condução, implicitamente falamos de autoridade e responsabilidade como condições “sine qua non” para o exercício da condução.

É então o momento para esclarecer que o conceito, ao contrario do que geralmente se pensa, não está centrado no tema da famosa “liderança”, senão

que esta, é uma parte constitutiva da condução, mas não é nem a mais importante, nem condição excludente para o exercício da condução. Porém, geralmente ela é uma das conseqüências dum bom processo de condução.

Mas a doutrina, além da definição inicial, também acrescenta: “A condução é um arte, uma atividade livre y criativa que se apóia sobre bases científicas. Cada tipo de problema militar a ser resolvido, vai requerer da aplicação de técnicas particulares” (Argentino, 1990, pág. II)

A definição quando se refere a uma arte, estabelece que não existe uma formula matemática para a sua implementação, embora esta tenha que respeitar alguns parâmetros preestabelecidos. Importa vitalmente o emprego da criatividade e a flexibilidade na apreciação da situação e na adoção duma resolução frente ao problema militar.

Uma vez mais, podemos nos perguntar o que é “problema militar”. A doutrina argentina o define como “o derivado da condução duma organização militar para a execução duma operação militar” (Argentino, RFD-9901 Terminología Castrense de Uso en el Ejército Argentino, 2001, pág. 227)

Surge então uma particularidade a mais: o conceito de condução relacionado com o de “organização militar” o que é o fator humano, a relação direta entre a condução e as pessoas físicas ligadas todas elas ao cumprimento dum objetivo.

Tendo definido os principais conceitos, vamos tentar desenvolver qual foi a visão do exercito argentino respeito deles no decorrer dos fatos da guerra das Malvinas.

Geralmente, existe uma Idea errada, respeito a esta visão das forças armadas, e particularmente, do exército. Muitos poderiam achar que esta centrou se num discurso que procurava ressaltar a épica do conflito. Mas não foi assim. A abordagem do estudo do conflito foi feito desde uma perspectiva crítica, desde os primeiros dias da post-guerra.

Perspectiva critica que permitiu fazer uma pesquisa retrospectiva do conflito, reconhecendo os erros, delimitando responsabilidades nos diferentes níveis, mas também, reconhecendo os acertos, fatos de heroísmo, e permitindo que fossem

conhecidos pela sociedade.

No ano 1982, já finalizada a guerra, a “Junta Militar de Governo”, ordenou a execução duma investigação de caráter secreto, cujo resultado foi chamado, “Informe Rattebach” (Sur, 1983).

Esta é uma das fontes de informação que melhor estudou as ações de guerra executadas pela Argentina, no conflito do Atlântico Sul. Sua característica foi a visão crítica do conflito, sua aproximação documentada aos fatos, a análise global e particular do conflito, e a clareza e franqueza no estudo efetuado.

A comissão, composta por seis oficiais generais das três forças armadas, exército, marinha e força aérea, estudou não somente as ações de guerra, mas também os antecedentes do conflito, as negociações diplomáticas, e, o que tem maior importância para nossa investigação, a condução das operações militares nos diferentes níveis, estratégico, operacional y tático.

Este informe foi desclassificado no dia 7 de Fevereiro de 2012 pela então presidente da Argentina Cristina Fernandez de Kirchner.

O capítulo XIV do informe final do relatório foi dedicado a desenvolver as lições aprendidas no conflito. Este capítulo talvez seja o, mas rico, já que nele se concentram as conclusões finais de todo o relatório que tem dezessete tomos. (Nación)

O relatório inicialmente reconhece que: “Como ocorreu sempre nas circunstancias críticas, o comportamento das tropas em combate teve relação direta com a qualidade de seus mandos”. (Sur, 1983, pág. 238)

Mas também que a condução durante o conflito, não foi uniforme. Ouvi comandantes cuja condução foi sobre saliente, e outros que, não estiveram à altura das expectativas, estabelecendo a incidência que tem a qualidade da condução dos oficiais sobre o desempenho da tropa.

Em relação a este fenômeno, diz que “A falta de espírito de luta e a subsequente desmoralização que evidenciou uma parte das tropas, é responsabilidade inescusável de todo comando” (Sur, 1983, pág. 237).

Mas também o relatório acrescenta: “É importante sinalar que ouve

comandos operacionais e unidades que foram conduzidas com eficiência, valor e decisão. Em esses casos, já na espera, no combate ou em suas pausas, o rendimento foi sempre elevado. Tal o caso, por exemplo, (...) da artilharia do exército e da infantaria da marinha, (...) o esquadrão de cavalaria blindada 10, as companhias de comandos 601 e 602 ou o RIM 25". (Sur, 1983, págs. 237-238).

Surge então a necessidade de avaliar e pesquisar a condução tática das operações desde esta primeira diferenciação, para depois poder estabelecer a incidência das diferentes conduções na tropa.

A CONDUÇÃO ARGENTINA: SEUS EXEMPLOS.

Seguindo a linha de pesquisa do Relatório Rattembach, e aproveitando a diferenciação que faz respeito da qualidade da condução dos oficiais das forças armadas argentinas, vamos começar estudar alguns dos comandantes que tiveram bom sucesso, para depois procurar neles os elementos de correspondência que podem ter influenciado a boa qualidade de condução.

Sendo que o objetivo geral da pesquisa é determinar as características da condução tática dos oficiais do exército, e a incidência na tropa, e um dos objetivos particulares, a determinação dos elementos que influenciaram as características da sua condução, é que a abordagem do estudo, não vai ser feito exclusivamente desde a ótica biográfica, nem tática, mas só na medida em que elas permitam-nos chegar ao cumprimento desses objetivos.

Escolheremos sim, oficiais de diferentes jerarquias, idade, procedência, de forma tal que a mostra seja, mas ampla.

Tenente Coronel Mohamed Alí Seineldín

Naceu no dia 12 de novembro de 1933 em Concepción Del Uruguay, Entre Rios, no seio duma família islâmica de origem druso, etnia muito reduzida que se encontra em Siria e o Líbano (Miranda, 2018, pág. 20).

A os quinze anos começa um processo de conversão ao catolicismo, do qual não ia se apartar nunca mais, e o qual marcaria o seu estilo de condução.

No ano 1954 ingressou no "Colegio Militar de la Nación" e formou se no

ano 1958 como Subtenente da arma de infantaria.

Durante seus primeiros anos de oficial serviu tanto em organizações militares operativas, quanto em institutos de formação do exército. No ano 1972 começou os estudos na “Escuela Superior de Guerra”. Sendo já oficial de estado major, no ano 1975 foi destinado na “Escuela de Infantería” onde se desempenhou como jefe do “Curso de Comandos”, dando lhe a partir desse momento uma entidade real á atitude especial de “Comandos”, e convertendo se no “pai” dos comandos argentinos.

Participou como jefe do curso de comandos, na luta contra o terrorismo, na selva tucumana, e ocupou diferentes cargos tanto dentro do exército, quanto em outras forcas como a policia federal, onde serviu no ano 1976, em atividades de formação.

No Ano 1980 foi designado como comandante do “Regimiento de Infantería 25”, ao qual desde o primeiro dia de comandante preparou militar e espiritualmente, para enfrentar as difíceis situações duma guerra, prometendo dar lhe ao batalhão “a página de sangue e gloria que ele merece” (Miranda, 2018, pág. 173)

Dois anos depois, em 1982, o “Regimiento 25”, participou da recuperação das ilhas Malvinas, e posteriormente, combateu até o ultimo dia da guerra. É importante dizer, que em nenhuma parte do conflito, o “Regimiento 25” combateu organicamente, senão que, foi empregado continuamente em frações menores, geralmente nível subunidade. O importante para nossa pesquisa, é que, onde foi empregado, independentemente da subunidade que fosse, teve sucesso.

Poderíamos falar neste lugar dos oficiais que integraram o batalhão, e veríamos o alto nível de integração e identificação que lograram com o seu comandante, sobre tudo, espiritualmente.

Tenente Primeiro Roberto Nestor Estevez

Entre os oficiais que combateram baixo o comando do Tenente Coronel Seineldín, está o tenente Estevez.

Naceu em posadas, província de misiones no dia 24 de fevereiro de 1957,

filho de Roberto Estevez e Julia Benitez.

Fez o ensino elemental e médio na sua cidade natal, no ano 1975 entrou no “Colegio Militar de la Nación”, e formou se no 12 de Outubro de 1978 como subtenente da arma de infantaria.

Três anos depois, em 1981 fez o curso de “comandos”, embora nunca teria a possibilidade de servir junto às tropas “comandos”.

No ano 1982, ao momento de se realizar a operação “Rosário” que tinha como finalidade a recuperação das Ilhas Malvinas por parte da Argentina, encontrava se como comandante de pelotão na companhia C do “Regimiento 25”.

Como parte do Regimento, formou parte da recuperação das ilhas, e dos dias depois, foi enviado para “Darwin”, posição argentina que ficava perto ao lugar que os ingleses escolheriam para materializar a sua cabeça de praia.

No dia 28 de Maio de 1982, O Tenente Estevez morreu combatendo contra o 2º Batalhão de pára-quedistas britânicos, em uma relação de forcas de 14-1.

Foi promovido á jerarquia de primeiro tenente post mortem, e condecorado com a “Cruz al Heroico Valor en Combate”.

Desde criança caracterizou se pela sua profunda fé religiosa Católica. Um dos mais claros exemplos disso talvez seja a carta que deixou para seu pai no continente antes de partir para a guerra:

"Querido Papai,

Quando você receber esta carta, eu já estarei prestando contas de minhas ações a Deus Nosso Senhor.

Ele, que sabe o que faz, arranjou tudo: deixou me morrer em cumprimento da minha missão.

Mas olhe para si mesmo, que missão! não é certo? Você se lembra de quando eu era criança e fazia planos, projetava veículos e armas, todos destinados a recuperar as Ilhas Malvinas e restaurar nossa Soberania nelas?

Deus, que é um Pai Generoso, queria este, seu filho, totalmente

desprovido de méritos, para viver essa experiência única e deixar sua vida como uma oferenda à nossa Pátria.

A única coisa que quero pedir a todos vocês é: 1) restaurar uma unidade sincera na família sob a Cruz de Cristo. 2) que eles se lembrem de mim com alegria e não que minha evocação seja a abertura para a tristeza e, muito importante. 3) que orem por mim.

Papai, há coisas que, em qualquer dia, não são ditas entre os homens, mas hoje devo lhes dizer: Obrigado por ter você como modelo de um bem nascido; obrigado por acreditar na honra; obrigado por ter seu sobrenome; obrigado por ser católico, argentino e filho de sangue espanhol; obrigado por ser um soldado, graças a Deus por ser como sou e esse é o fruto daquela casa onde você é o pilar

Até a reunião, se Deus quiser. Um abraço forte. Deus e pátria ó mortel!
Roberto " (Estevez, 2018)

Subtenente Oscar Silva

No dia 15 de Junho de 1982, já terminada a guerra, o comandante do batalhão de infantaria 5 da Marinha Argentina, percorria junto ao comandante inglês o campo de batalha. Os mortos britânicos já tinham sido enterrados, e ingleses e argentinos começavam enterrar os corpos dos caídos argentinos.

Inesperadamente o comandante inglês parou e sinalou um dos caídos. Ele tinha os olhos abertos, a face tranqüila, múltiplas feridas, e na Mão dele, o fuzil.

Embora tentassem lhe tirar o fuzil, não puderam. Era um comandante de pelotão, que tinha morrido comandando os seus homens, era o subtenente Silva. Ambos comandantes ficaram tão impressionados que prestaram-lhe continência e decidiram enterrá-lo com a sua arma.

Ele tinha nascido na província de San Juan. Antes de entrar no exército, tinha servido na Marinha e começado estudar engenharia. Após comprovar que não era o que ele queria para a sua vida, no ano 1978 entrou no "Colegio Militar de la Nación", e no ano 1981 formou-se como subtenente da arma de Infantaria, e foi destinado para servir no "Regimiento de Infantería 4", com o qual quatro meses depois iria para a guerra.

Já nas ilhas, seu pelotão formou parte do primeiro anelo defensivo que tinha se locado ao redor da capital, os montes Longdon-Dos Hermanas-Goat Ridge-Harriet. Durante o dia, Silva tinha que ocupar uma posição ao oeste de

“Dos Hermanas” e durante a noite, patrulhar na frente de “Goat Ridge”.

Durante a noite do dia dez de junho, o Regimento de pára-quedistas 3 britânico atacou o primeiro anelo defensivo, e depois de combater durante toda a noite, as tropas argentinas repregaram para o segundo anelo, na frente compreendida pelos montes Wireless Ridge-Tumbledown-Sapper Hill. Dos dias depois, os ingleses foram ultrapassados pelo Regimento pára-quedista 2 britânico, e atacaram o segundo anelo defensivo, onde voluntariamente o subtenente Silva ofereceu se para combater, ignorando as ordens de retirada.

Nas primeiras horas da manhã do catorze de junho de 1982 o Subtenente Silva morreu apoiando a retirada do seu pelotão.

Foi condecorado com a medalha “Al Valor en Combate”.

Mayor Mario Castañeto

O Mario Castañeto combateu na Guerra das Malvinas com a jerarquia de Major, e desempenhou se como comandante da companhia de comandos 601, primeira de duas subunidades dessa especialidade que combateram durante a guerra.

Sob a sua condução, a companhia de comandos 601 foi a unidade de comandos que executou maior quantidade de operações nas ilhas, e que teve a menor quantidade de mortos e feridos em combate. Além disso, a sua subunidade combateu desde os primeiros dias da guerra, e até finalizar o conflito, executando em não poucas oportunidades, ações de combate que excediam os padrões normais tanto humanos, quanto técnicos.

Além disso, a subunidade por ele comandada, porem o seu tamanho e a pequena quantidade de integrantes, foi uma das organizações militares que recebeu maior quantidade de condecorações.

O então major, hoje general aposentado, possuía algumas características muito particulares: férrea disciplina, e profundo sentido da responsabilidade, Uma preparação técnica e profissional séria, ampla e reconhecida, e uma particular religiosidade que envolvia todas as atividades da sua vida.

EM PROCURA DUMA EXPLICAÇÃO

Depois de ter desenvolvido brevemente uma resenha da biografia de alguns oficiais que escolhi mos como exemplo, vamos desenvolver algumas das

características comuns aos quatro.

O desenvolvimento, não é excludente, nem tem uma hierarquia entre elas. O fato de não desenvolver outras particularidades, também não significa que existam outros fatores contribuintes. É importante se lembrar que em atenção à extensão deste trabalho, vamos nos concentrar nas que consideramos as mais importantes, para depois definir quais consideramos determinantes.

Características comuns na sociedade argentina:

O primeiro que temos que ressaltar antes de falar sobre algumas características particulares nos militares estudados, é que a sociedade argentina do ano 1982 diferia do que é na atualidade.

A efeito do que estamos estudando, temos que dizer que era uma sociedade com consciência da estruturação hierárquica de toda organização humana, desde a família, a empresa, o clube, até chegar às forças armadas.

Conseqüentemente, era uma sociedade mais disciplinada do que na concepção atual pode se imaginar. Isso vai permitir e facilitar a condução das operações por parte dos oficiais, mas também, vai reforçar o sentido da autoridade e responsabilidade que posteriormente seria instilado na formação deles no “Colegio Militar”.

Além disso, podemos sinalar um fator histórico determinante comum a toda a sociedade argentina: o amor por essa isolada porção do território pátrio, invadido pelos ingleses desde 1833, as Ilhas Malvinas. Indiscutivelmente, este é um dos pontos de união para a sociedade nesse momento e na atualidade, independentemente da posição ideológica, política, social ou econômica.

Finalmente, como conseqüência disso, é necessário não esquecer a natural e histórica rejeição do povo argentino às incursões britânicas no Rio da Prata. Efetivamente, a Argentina tem uma história de guerra com a Grã Bretanha, desde os primeiros anos de 1800, quando a pérfida Albion tentou conquistar duas vezes a cidade de Buenos Aires.

Características profissionais:

Durante a década de 1970, a Argentina combateu contra o terrorismo comunista internacional. De fato, a Argentina durante mais de uma década, esteve sofrendo uma guerra civil dentro do seu território, dentro do esquema da guerra fria.

Isso, entre outros fatores, motivou o ingresso nas forças armadas, de muitos oficiais, que possuíam uma formação particular, onde a motivação para ser militares era dada pela vocação, e não pelo interesse econômico ou social. Esta situação conformou um perfil muito particular de ingresso à carreira das armas.

Além da vocação, outra das características que podemos sinalar é o profissionalismo que todos eles possuíam.

A formação competente do “Colegio Militar”, principalmente na infantaria, e as especializações que geralmente possuíam como pára-quedistas, ou comandos, somado geralmente a uma grande experiência no campo profissional, foram ferramentas que afetaram determinantemente o resultado da condução no combate. Isso conformou uma característica central em todos eles.

Ao respeito, é interessante se lembrar que “a modo estadístico, cabe sinalar que durante a guerra, ao exército corresponderam-lhe pelo desempenho dos seus homens sete máximas condecorações “La Nación Argentina al Heroico Valor en Combate”, das quais cinco oficiais e praças possuíam a atitude especial de Comandos” (Urqueta, 2011, pág. 16)

Por outra parte, Oscar Jaimet afirma que “Os comandos injetaram ao exército e em particular à infantaria o seu particular espírito, potenciaram os valores dos soldados, os princípios do mando, a liderança em geral e impregnaram ao resto das armas e serviços” (Jaimet, pág. Anexo Nro: 2. Apêndice Documental).

Não obstante, o profissionalismo, independentemente do que seria acreditado, não teve direita relação com o tempo que os oficiais levavam comandando as frações. Por exemplo, o subtenente Silva, levava quatro meses como comandante de seu pelotão.

Outra das características que tem que ser nomeada, e que se confunde com as características da formação espiritual, é o sentido do dever e da responsabilidade, da honra e da lealdade, que eles tinham desde a sua formação no “Colegio Militar”. Estas características, como essência da sua formação profissional, reforçou o profissionalismo que eles possuíam e mantinham.

Características da formação espiritual:

Outra das particularidades que em nossa visão teve uma muito particular influencia na conformação dos anteriores características e na posterior influencia

na tropa, como um fator de coesão (e que por isso deixamos para o ultimo), é o sentido transcendental da vida que tinham todos eles, a fe em Deus, e a sua filiação á religião Católica Apostólica e Romana.

Este sentido transcendente da vida, tinha sido instilado por diversos autores que tinham influenciado na formação filosófica, política, cultural e religiosa dos futuros comandantes desde o currículo institucional do exército, mas também por formação pessoal dos oficiais. Pensadores da filosofia clássica como Aristóteles, Platô, Tomás de Aquino, ou pensadores Argentinos como Jordan Bruno Genta, Carlos Sacheri, Leonardo Castellani, Hugo Wast, Carlos Iburguren, Guillermo Furlong, Juan Luis Gallardo, Julio Meinvielle, Alfredo Sáenz, e muito pontualmente no caso do Subtenente Silva, Antonio Caponnetto.

Aquela formação consideramos que reforçou todas as anteriores características, incentivando o cumprimento da missão além do esperado, e permitindo que colocassem o valor da vida numa relação de jerarquia menor ao cumprimento do dever, chegando a aceitar como normal o combate em uma relação de inferioridade de 15 para 1 com o inimigo.

Dessa forma, o desenvolvimento das operações, encontraria nesses oficiais, soldados dispostos a materializar o cumprimento dos objetivos ao custo que fosse necessário.

De alguma forma, é certo dizer que esta concepção da vida, cimentou as outras características.

São recorrentes os exemplos da importância que tinha na vida de todos eles esta formação clássica e religiosa da vida.

Por exemplo, o Tenente Coronel Seineldín durante a recuperação das ilhas, e já que a operação não tinha ainda um nome específico, falou com o comandante da operação, o CL Carlos Busser para lhe propor que fosse nomeada “Operación Virgen Del Rosario”, já que “O Brigadier Dom Santiago de Liniers durante a segunda invasão inglesa no ano 1807, diante o fracasso da resistência inicial das forças patriotas, se encomendou á Virgem do Rosário. (...) Ela não vai nos abandonar, porque nossa causa é justa” (Miranda, 2018, pág. 212).

Além disto, é muito conhecido que muitos oficiais, a semelhança dos Generais San Martín e Manuel Belgrano, entregavam Rosários aos seus homens, para que eles tivessem durante o combate. Este é outro exemplo da importância do fator religioso na condução das operações militares em Malvinas,

Por outra parte, a carta do Tenente Estevez ao seu pai, é uma mostra mais que clara do que queremos fundamentar.

Finalmente, podemos dizer que esta característica é uma das poucas que é compartilhada por todos os oficiais estudados.

DUAS VERTENTES, ¿E A TROPA?

Como foi dito no relatório Rattembach, a condução argentina na guerra das Malvinas teve duas vertentes diferenciadas.

No capítulo anterior, desenvolvemos as características que a nosso parecer, foram as mais importantes e que de alguma forma, se evidenciaram em todos os oficiais estudados.

Mas, depois do desenvolvimento anterior podemos nos perguntar, ¿qual foi a consequência do comando destes militares sobre a tropa?

Evidentemente, o sucesso na condução duma operação militar, não atinge somente á pessoa do condutor, mas também aos conduzidos.

Para dar resposta a esta pergunta, achamos que a melhor forma é olhar os fatos históricos em procura duma resposta clarificadora. É por isso que vamos tentar responder este interrogante á luz dos acontecimentos.

Inicialmente, no caso do Tenente Coronel Seineldín, Porém o “Regimiento 25” não combatesse organicamente durante o conflito, as suas frações combateram todas com um alto padrão de sucesso. A ferocidade de seus elementos subordinados como pode ser a “Companhia C” que combateu em “San Carlos” dão mostra disso.

Também os membros do Regimento que combateram em Darwin durante dos dias contra forças amplamente superiores.

Para exemplificar o que estamos dizendo, achamos que não existe melhor exemplo do que o combate do pelotão “Bote” comandado pelo tenente Estevez, o qual diante ao avanço inglês, recebeu a ordem de contra-atacar com o seu pelotão ao Regimento de pára-quedista 2 britânico, e que depois de morrer ele, o pelotão foi comandado sucessivamente por as praças, e quando estas morreram, a retirada dos homens do pelotão que ficavam com vida, foi comandada pelo soldado de maior hierarquia.

Olhando o desenvolvimento dos fatos que envolveram ao Subtenente Silva, podemos comprovar a importância da condução sobre a liderança. De fato o

Subtenente Silva, tinha só quatro meses como comandante de pelotão. Não é o único exemplo. O pelotão adjacente ao dele, comandado pelo Subtenente Llambías, possuía a mesma particularidade. O Subtenente Llambías, tinha se formado uns dias antes de chegar às ilhas, sendo nesse momento, menos de um mês atrás, cadete de terceiro ano. Não obstante, isso não impediu que os dois oficiais e a tropa tivessem um sucesso no combate muito maior ao esperado.

No caso do Subtenente Silva, ele tinha recebido a ordem de retirada. Mas os elementos do Batalhão de Infantaria 5 da Marinha continuavam combatendo nesse lugar, por tanto, Silva decidiu manter sua posição, colocando se baixo o comando do Tenente de Corbeta Vazquez, do anteriormente mencionado BIM 5. Nesse lugar, no Monte Tumbledown, foram entregando sua vida os integrantes do pelotão, até que, cobrindo a retirada de seus homens, caiu o comandante, o Subtenente Oscar Augusto Silva.

Evidentemente existe uma relação direta entre a boa condução dos oficiais e o desempenho da tropa em combate. Nestas unidades, assim também como em outras que tiveram comandantes destas características não existiram com exceção de casos pontuais, fatos de cobardia, insubordinação ou pânico.

O caso do Majór Castagneto, é particular, já que, nas companhias de comandos, não combateram soldados dentro dos pelotões de assalto. No obstante, é importante sinalar que, o fato de não possuir pessoal conscrito, permitiu fazer ainda mais visíveis as particularidades da condução dos oficiais sobre os seus elementos subordinados. O alto espírito de combate, a quantidade de operações finalizadas com sucesso, e a reduzida quantidade de baixas que tiveram as subunidades de comandos, dão prova disso.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do desenvolvido anteriormente surgem os seguintes aspectos como resultado:

- a)** A formação técnica, profissional e espiritual, o cultivo das virtudes, e o particular jeito de ver a vida são condicionantes no posterior exercício da condução .
- b)** A autoridade e responsabilidade como valores fundamentais das

organizações militares, são fatores imprescindíveis para o exercício do comando e a conseguinte condução.

- c)** A flexibilidade e criatividade são fatores fundamentais para o exercício do comando e a conseguinte condução.
- d)** A condução implica a articulação dos meios materiais, e recursos humanos para o cumprimento duma missão.
- e)** Desde um primeiro momento o exército reconheceu que a qualidade da condução argentina não foi uniforme.
- f)** O sucesso na condução evidenciada nos oficiais estudados, não tem relação com a hierarquia que tinham ao momento do conflito, nem tampouco o posto de comando que desempenhavam.
- g)** Não tem relação na qualidade da condução a procedência geográfica, social ou econômica deles.
- h)** A relação com o comando superior não influenciou determinantemente a qualidade da condução, já que, alguns deles tinham dependência direta de comandantes que não tiveram bom sucesso na condução dos seus elementos subordinados.
- i)** O tempo que eles tinham ao comando das diferentes frações de combate, não foi determinante no sucesso da sua condução.
- j)** Existem notas características entre todos os comandantes, independentemente do nível de condução.
- k)** Existe uma relação direta entre o desempenho das tropas em combate, e a qualidade da condução dos oficiais.
- l)** As tropas comandadas pelos oficiais estudados se diferenciaram de outras cujos comandantes não possuíam as mesmas características.
- m)** Nos casos em que os comandantes morreram durante o combate, o espírito combativo do pelotão não foi alterado, além que a ausência dos comandantes diminuiu a qualidade militar dos resultados

durante o combate.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de desenvolver os conceitos teóricos iniciais que nos permitiram fazer a abordagem do estudo desde uma mesma perspectiva, escolhemos alguns exemplos de oficiais que de acordo com o relatório Rattembach formaram parte de unidades que tiveram sucesso nas operações. Após isso, procuramos desenvolver algumas características comuns a todos eles, para tentar delimitar quais delas foram determinantes. Por último, pesquisamos qual foi a incidência da condução destes oficiais sobre a tropa.

Portanto, podemos fechar este trabalho com algumas conclusões:

- a)** A diferenciação feita pelo relatório Rattembach, segundo a qual ouvi durante a guerra das Malvinas diferentes qualidades na condução dos oficiais, tem direta relação com as características de cada um deles, fato que determinou o resultado em combate.
- b)** O sucesso na Condução destes oficiais em combate não tem relação com a hierarquia, posto de combate, nem com as particularidades econômicas, sociais e culturais familiares.
- c)** A condução dos oficiais estudados caracterizou se pela sua competência profissional, um alto espírito combativo, um profundo sentido da responsabilidade e um mando enérgico y disciplinado.
- d)** Podem se determinar como os fatores decisivos que influenciaram a conformação das características da condução dos oficiais estudados, o profissionalismo, o sentido transcendental da vida e o sentido do dever e da responsabilidade.

ANEXO A: Solução Prática

A presente pesquisa concluiu que é de vital importância para o sucesso na condução tática das operações, dispor de oficiais com:

-Uma clara consciência da importância da disciplina e a hierarquia, não como conceitos vácuos, mas como concepção fundamental do ser militar.

-Um amplo conhecimento da história, que permita lhes compreender a forma de pensar, agir e se desenvolver do inimigo.

-Uma profunda e sólida formação profissional, como ferramenta insubstituível na concretização material do arte militar.

-Uma formação espiritual que permita lhes ter uma visão transcendental da vida, obtida através da formação vazada em valores livremente aceitados e vividos por eles.

REFERÊNCIAS

- Argentino, E. (1990). *MFP 51-13 "Manual del ejercicio del mando"*. República Argentina: Instituto Geográfico Militar.
- Argentino, E. (2001). *RFD-9901 Terminología Castrense de Uso en el Ejército Argentino*. Buenos Aires: Departamento de Doctrina.
- Estevez, R. N. (2 de Abril de 2018). *INFOBAE*. Recuperado el 22 de Julio de 2019, de <https://www.infobae.com/sociedad/2018/04/02/la-carta-del-teniente-estevez-a-su-padre-dios-ha-dispuesto-que-muera-en-malvinas-cumpliendo-con-mi-mision/>
- Jaimet, O. *Cuaderno de notas*. Archivo personal.
- Miranda, S. (2018). *Mohamed Alí Seineldín*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Argentinidad.
- Nación, P. d. (s.f.). Recuperado el 01 de Junho de 2019, de <https://www.casarosada.gob.ar/informacion/archivo/25773-informe-rattenbach>
- Sur, C. d. (1983). *Informe Final*. Junta Militar.
- Tzu, S. (1973). *El arte de la guerra*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Urqueta, M. M. (2011). *Capitalización de las lecciones aprendidas por la infantería argentina en malvinas*. Buenos Aires: IESE.